

O presépio de Greccio, escola de sobriedade e de alegria

«Se, diante do presépio, confiarmos a Jesus o que temos no coração, também nós experimentaremos uma alegria imensa». Na audiência de quarta-feira passada, o Papa Francisco convidou-nos a contemplar o presépio e a surpreendermo-nos com a sua sobriedade.

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Há 800 anos, no Natal de 1223, São Francisco realizou um presépio vivo em Greccio. Enquanto se prepara ou se completa o presépio nas casas e em muitos outros lugares, é bom redescobrirmos as suas origens.

Como nasceu o presépio? Qual era a intenção de São Francisco? Ele dizia assim: «Gostaria de representar o Menino nascido em Belém e, de certo modo, ver com os olhos do corpo as dificuldades em que se encontrou por falta das coisas necessárias para um recém-nascido, como foi colocado numa manjedoura e como se deitava sobre o feno entre o boi e o pequeno burro» (TOMÁS DE CELANO, *Vita prima*, XXX, 84: *FF* 468). Francisco não quer realizar uma bela obra de arte, mas suscitar, através do presépio, a admiração pela extrema humildade do Senhor, pelas dificuldades que padeceu, por amor

a nós, na pobre gruta de Belém. Com efeito, o biógrafo do Santo de Assis observa: «Naquela cena comovedora resplandece a simplicidade evangélica, louva-se a pobreza, recomenda-se a humildade. Greccio tornou-se como uma nova Belém» (*ibid.*, 85: *FF* 46). Frisei uma palavra: *admiração*. E isto é importante. Se nós, cristãos, fitarmos o presépio como uma coisa bonita, como algo histórico, até religioso, e rezarmos, não é suficiente. Perante o mistério da encarnação do Verbo, diante do nascimento de Jesus, precisamos desta atitude religiosa da admiração. Se face aos mistérios eu não tiver esta admiração, a minha fé será simplesmente superficial; uma fé “informática”. Não o esqueçais!

E uma característica do presépio é que nasce como escola de *sobriedade*. E isto tem muito a dizer-nos. Com efeito, hoje o risco de perder o que conta na vida é grande e,

paradoxalmente, aumenta precisamente no Natal - a mentalidade do Natal altera-se - imersos num consumismo que corrói o seu significado. O consumismo do Natal. É verdade, é bom desejar oferecer presentes, é um modo, mas esse frenesim de ir fazer compras chama a atenção para outro lado e não há aquela sobriedade do Natal. Olhemos para o presépio: o enlevo diante do presépio. Às vezes, não há espaço interior para a admiração, mas apenas para organizar as festividades, para fazer festa.

E o presépio nasce para nos restituir ao que conta: a Deus que vem habitar no meio de nós. Por isso é importante olhar para o presépio, porque nos ajuda a compreender o que conta e também as relações sociais de Jesus naquele momento, a família, José e Maria, e os entes queridos, os pastores. As pessoas antes das coisas. E muitas vezes

colocamos as coisas à frente das pessoas. Isto não funciona!

Mas o presépio de Greccio, para além da sobriedade que manifesta, fala também da *alegria*, pois a alegria é algo diferente da diversão. Mas divertir-se não é mau, se for feito pelos bons caminhos; não é mau, é algo humano. Mas a alegria é ainda mais profunda, mais humana. E, às vezes, há a tentação de se divertir sem alegria; de se divertir fazendo barulho, mas sem alegria. É um pouco como a figura do palhaço, que ri, ri, faz rir, mas o coração está triste. A alegria é a raiz de uma boa diversão para o Natal. E sobre a alegria, as notícias daquela época dizem: «E chega o dia do júbilo, o tempo da exultação! [...] Francisco [...] está radiante [...]. O povo aflui e rejubila com uma alegria nunca antes experimentada [...]. Todos voltaram para casa cheios de uma alegria inefável» (*Vita prima*, XXX,

85-86: *FF* 469-470). A sobriedade, o assombro, leva-nos à alegria, à verdadeira alegria, não à alegria artificial.

Mas de onde derivava esta alegria natalícia? Não era certamente de ter trazido presentes para casa ou de ter vivido celebrações pomposas. Não, era a alegria que transborda do coração, quando se toca com a mão a proximidade de Jesus, a ternura de Deus, que não deixa sozinho, mas consola. Proximidade, ternura e compaixão: eis as três atitudes de Deus. E olhando para o presépio, rezando diante do presépio, poderemos sentir estas coisas do Senhor, que nos ajudam na vida de todos os dias.

Amados irmãos e irmãs, o presépio é como um pequeno poço do qual haurir a proximidade de Deus, nascente de esperança e de alegria. O presépio é como um Evangelho vivo,

um Evangelho doméstico. É como o poço na Bíblia, é o lugar do encontro, onde apresentar a Jesus, como fizeram os pastores de Belém e os habitantes de Greccio, as expetativas e as preocupações da vida.

Apresentar a Jesus as expetativas e as preocupações da vida. Se, diante do presépio, confiarmos a Jesus o que temos no coração, também nós experimentaremos «uma alegria imensa» (*Mt 2, 10*), uma alegria que vem precisamente da contemplação, do espírito de enlevo com que vou contemplar estes mistérios.

Aproximemo-nos do presépio. Que cada um contemple e que o coração sinta algo.